

SOCIOLINGUÍSTICA E LITERATURA: ENSINO DE VARIAÇÕES REGIONAIS NA OBRA MODERNISTA “O QUINZE”, DE RACHEL DE QUEIROZ

Kauana Scabari dos SANTOS⁴⁴

João Carlos Domingues Dos Santos RODRIGUES⁴⁵

RESUMO: A presente trabalho busca lançar olhar investigativo às variações regionais presentes na obra “O quinze”, de Rachel de Queiroz. Na literatura marca-se a concepção regionalista e social devido à descrição da temática frente aos problemas no âmbito da sociedade, os quais assolaram a região do Nordeste, em 1915. Nosso objetivo é olhar para a língua enquanto contexto de uso e aplicada ao ensino. E estreitar os laços entre os campos dos saberes linguística e literatura, uma vez que “Assim como as pesquisas linguística de corrente sociovariacionista vieram a dar um novo rumo aos estudos da linguagem, a literatura modernista trouxe a lume uma nova maneira de perceber a língua, cujas funções estão atreladas a fatores lingüísticos [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 2). Utilizaremos como aporte teórico na compreensão e investigações da área sociolinguística a teoria de Tarallo (2002), além da teoria crítica literária de Bosi (1970).

Palavras-Chave: Variação Regional. Ensino. Obra literária “O Quinze”.

⁴⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da UEL.

⁴⁵ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No intuito de promover uma maior compreensão acerca da língua portuguesa e das variações encontradas entre seus falantes no território brasileiro, objetivamos analisar uma obra do regionalismo brasileiro. Deste modo, investigou-se quais as marcas da variação regional nordestina estão presentes na produção literária e, que pela própria notoriedade da obra em âmbito nacional passaram a ganhar um *status* diferenciado, quanto a temática, enredo e construção da linguagem.

Raquel de Queiroz, Monteiro Lobato, Jorge Amado, entre outros fazem parte de um grupo de autores do modernismo nacional, os quais foram responsáveis por trazer a cultura popular com seus costumes e linguagem própria à literatura. A geração de 30 é apresentada por Antônio Cândido como aquela que faz o povo brasileiro surgir como “realidade literária” (CADERNOS, 1997, p.55). Motivo pelo qual nos instiga a conhecer ainda mais de perto como se dá matéria e a forma da realidade expressa por meio da língua e linguagem. Nossa pesquisa, também, tem por objetivo a quebra de alguns paradigmas e estereótipos acerca das variações regionais, bem como destaca a Geolinguística e os estudos da Sociolinguística no que se refere ao preconceito linguístico. Assim, não existe uma Língua Portuguesa (LP), a qual podemos considerá-la como imutável ou mesmo estanque sem carregar fatores de identidade. É tarefa fundamental do professor atentar-se para o modo como a LP da comunidade lusófona é utilizada pelos falantes, podendo ser objeto e matéria fundamental na produção literária. Assim, como forma de marcar uma região, uma cultura e/ou uma identidade nordestina.



A VARIAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ao abordarmos a temática ensino, evoca-se a ideia de metodologia, neste caso, um guia e roteiro ao professor de língua portuguesa. Segundo os PCNs, o professor deve ser um transmissor do conhecimento, partindo da bagagem que o aluno já traz consigo em todos os âmbitos do conhecimento. Quanto a variação linguística: “A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de falar utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas [...]” (BRASIL, MEC-SEF, 1997, p. 31).

Autores como o professor Sírío Possenti apresentam uma visão sobre o ensino da Língua Portuguesa que busca transmitir a ideia de que esse processo deve ocorrer como sendo algo natural, deve imitar os processos da/na vida, não forçando através de métodos repetitivos e alheios ao mundo dos estudantes. Isso faz com que ressignifiquemos nossa hierarquia de valores no que se refere ao ensino da língua, assim, deixa claro que “conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra” (POSSENTI, 2000, p. 53).

De acordo com Rocha (2002), é necessário e importante garantir ao aluno a liberdade de expressão linguística, essa premissa reside no fato de que a língua é tanto um instrumento de interação social, de afirmação da identidade quanto um exercício da cidadania. O aluno precisa utilizar a língua com todos os seus recursos e em todas as suas modalidades, por meio de variantes, de prestígio ou não e compreender o contexto de produção, além do grau de monitoramento no momento de uso da linguagem. Um modo de fazer o aluno perceber a riqueza da língua e seu potencial é o professor de Língua Portuguesa observar a linguagem do próprio aluno, a variante linguística que ele utiliza em seu contexto social e defini-la como seu ponto de partida. Só assim possibilitaria ao aluno/estudante desenvolver e aprimorar aquilo que já possui em seu arcabouço linguístico, de forma a ampliar seu conhecimento acerca da



língua, a partir daquilo que desconhecia como possibilidades, modalidades e situações de uso da língua materna.

Arelada a questão do ensino das variações linguísticas está aquela (norma padrão) relativa à garantia do ensino da língua padrão ao aluno brasileiro. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), para que seja possível formar um sujeito capaz de usar de modo pleno, ativo e consciente a língua/linguagem. É necessário que o estudante não apenas conheça a variante linguística que já conhece de berço, mas que domine a norma urbana de prestígio (a língua padrão), a qual lhe será o passaporte para adentrar em outras esferas da sociedade e outros contextos de produção linguística, e não exclusivamente aqueles os quais o aluno nasceu e pertencia culturalmente. Isso pode se dar através do incentivo por parte do professor aos alunos, por meio do contato com gêneros textuais distintos daqueles que normalmente eles utilizam em seu contexto usual, seja por meio de suas leituras, atividades de oratória/oralidade, reprodução ou criação, assim o contato com objetos acadêmicos e aqueles da esfera social apresente-se como significativo e simbólico para o aluno.

O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A LITERATURA

O experimentalismo estético e linguístico fez-se claro e distinto, e a realidade histórica tornou-se forte e complexa (BOSI, 1970, p. 384). O realismo absoluto, marca desse período que ficou conhecido como “a era do romance brasileiro” (BOSI, 1970, p. 389) longe de uma postura ingênua e meramente descritiva, buscou interpretar a vida e a história para dar sentido a seus enredos e às suas personagens, bem como Afrânio Coutinho descreve a produção de Raquel de Queiroz, que ao escrever sobre a seca, em terceira pessoa, desabrocha como “uma escritora de expressão natural, direta, coloquial, sóbria, condicionada ao assunto, no melhor gosto moderno da linguagem



brasileira, [...] sem embargo dessa atitude e do caráter sociológico ou documental [...]”(1969, p.219).

Trataremos da autora Raquel de Queiroz, num contexto de transformação do ensino da língua, como uma figura que consegue de maneira magistral realizar a fusão dos eixos da oralidade e da escrita, promovendo a variação regional nordestina e marcando esta identidade em sua produção “O Quinze”. Ao partir da escolha precisa do vocabulário, por meio do uso de expressões coloquiais, naturais, diretas (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p.237; COUTINHO, 1970, p.219;), assim, mante raízes regionais e folclóricas (BOSI, 1970, p.396). – Porém, sem caricaturá-la, já que exprime o homem⁴⁶.

Frente ao processo de a “partilha do sensível”, conceituado por Jacques Ranieri (2005, p.21-22.29), bem como o processo que nos leva à compreensão e ampliação da língua falada e da língua escrita. E empreendido pela Literatura de Raquel de Queiroz, quanto mais se for apresentado, definido e caracterizado cada uma das ocorrências da variação linguística empregada pela autora, mais se conseguirá promover a superação de alguns preconceitos e paradigmas. Segundo Fernando Tarallo (2002, p.33), sendo que somente assim será possível gerar bons argumentos os quais possam levar à superação dessa batalha entre a variação de prestígio e as demais, fazendo desse estudioso mediador e árbitro.

ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* de análise compreende a obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, e abarcará todas as expressões e palavras que fazem parte da variação regional

⁴⁶ É justamente essa capacidade de exprimir o homem e contribuir para que o leitor se forme enquanto ser humano que segundo Antônio Cândido uma dada literatura atinge uma “função humanizadora” (CÂNDIDO, 1999, p.82).



nordestina, deste modo, “Ao expressar-se, um indivíduo, embora atualize, até certo ponto, de forma original, o sistema linguístico que tem internalizado em sua mente, está sendo condicionado pelas normas adotadas pelo grupo social a que pertence.” (BRANDÃO, 1997, p.61). Assim, utilizaremos dicionários gerais da língua portuguesa para a constatação dessas variações e sua conceituação, Ferreira (2010).

Guiados pela contribuição da área Sociolinguística, buscamos cooperar para um arcabouço cultural da língua na região nordestina e na região sul (Londrina e Maringá). Relacionando a linguagem e vocabulários de um retrato literário de 1930 com as observações contemporâneas dos mesmos vocábulos mantidos pela região norte metropolitana no Estado do Paraná. Esperamos que os levantamentos feitos na obra “O Quinze”, de Rachel de Queiroz possam auxiliar a compreender a importância da variação linguística, a relação entre contexto de uso, a questão de grau de monitoramento (dependendo do ambiente social), além das mudanças históricas (diacrônicas) possibilitadas pela linguagem e seu fazer artístico. A escolha da obra de Raquel de Queiroz se dá tanto pela relevância e destaque que atualmente a autora vem ganhando, o que, inclusive, a faz requisitar um espaço junto ao cânone literário, bem como sua capacidade de trazer a linguagem simples, o falar coloquial para a esfera literária, como afirma Furtado (2008, p. 22), importante crítica sua “Este legado literário, de fundo social e econômico, chega ao público leitor por meio de uma linguagem com a qual este se identifica, graças a sua natureza simples, objetiva e direta, permeada por um vocabulário [...]”. Na tabela há as expressões e palavras identificadas na obra que fazem parte da variação regional nordestina e que estão imortalizadas na obra de Raquel de Queiroz:

PALAVRA	Trecho retirado da obra (2009)	Dicionário Ferreira, Aurélio. (2010)
A MODO QUE	“Chico Bento entrou, no mesmo passo lento, <i>a modo que</i> curvado sob a cruz de remendos que	Parece que.



	ressaltava vivamente, como um agouro, nas costas desbotadas da velha blusa de mescla.” (p.25).	
ABESTADO	“Que foi Josias? Você anda <i>abestado</i> , ou isso é ruindade?” (p.58).	Que se bestificou ou embruteceu.
ALEIJÃO	“[...] a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um <i>aleijão</i> ...” (p.14).	Deforridade ou defeito moral.
BILRO	“Chegou uma <i>cunhã</i> com o café. E a conversa continuou a correr animada, enquanto a velha, que mandara trazer a almofada para o alpendre, trabalhava, trocando os <i>bilros</i> com ruído (p. 20).	Peçazinha de madeira torneada em forma de pera; usada para fazer renda.
CABRA	“[...] Que moço branco não é pra bico de <i>cabra</i> que nem nós...” (p.62).	Homem; pessoa; gente;
CARITÓ	“Foi direito a um <i>caritó</i> , ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede [...]” (p.25).	Pequena prateleira ou nicho escavado nas paredes dos quartos ou salas das casas do sertão; onde se guardam certos objetos miúdos.
CUNHÃ	“Chegou uma <i>cunhã</i> com o café. E a conversa continuou a correr animada, enquanto a velha, que mandara trazer a almofada para o alpendre, trabalhava, trocando os <i>bilros</i> com ruído (p. 20).	Mulher jovem que serve a família.
DEFLUXO	“Vai apanhar um <i>defluxo</i> , ficar ainda mais queimada!” (p.118).	Manifestação de gripe, de resfriado; constipação.
DESCOMPOR	“Furioso, cuspindo, <i>descompunha</i> a burra enquanto tirava os arreios.” (p.35).	Censurar acremente; repreender ou admoestar com violência.
DESENSINAR	“[...] que as privações tinham <i>desensinado</i> de andar, e agora mal engatinhava [...]” (p.68).	Fazer esquecer, fazer desaprender.
DIZEDOR	“[...] <i>Dizedor</i> de prosa como ele só!” (p.62).	Diz-se de, ou indivíduo que conta anedotas,



		gracejos; gracejador.
ENCARNADO	“Ela ouvia chorando, enxugando na varanda <i>encarnada</i> da rede, os olhos cegos de lágrimas.” (p.31).	Que é da cor da carne vermelha, do sangue.
ENGULHENTO	“[...] de receber de suas mãos a xícara cheia de café, embora, requentado e <i>engulhento</i> .” (p.57).	Que engulha, que causa enjojo ou asco.
ENTANGUIDO	“[...] a família toda cercava uma ovelha de lã avermelhada [...] que estirada no chão, toda <i>entanguida</i> , tremia [...]” (p.26).	Que comeu demais; empanzinado.
ENXAMEAR	“A Estação <i>enxameando</i> de guarda-freios, de bagageiros, de passageiros alegres [...]” (p.56).	Aparecer em grande número; aglomerar-se; fervilhar.
ESPERANÇAR	“Me <i>esperancei</i> que inda chovesse depois de São José [...]” (p.28).	Dar esperança a; conceder esperança.
ESPIVETADO	“Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza <i>espevitada</i> , característica de todas as normalistas que conhecia...” (p.84).	Afetado; pretensioso.
ESPRITADO	“Vai dormir dianho! Parece que tá <i>espiritado!</i> ” (p.52).	Enfurecido; raivoso; sem controle.
FATO	“Pedro, sem perder Tempo, apanhou <i>o fato</i> que ficara no chão e correu para a mãe.” (p.73).	Intestinos de qualquer animal.
FAZER	“Ainda aqui? Eu já <i>fazia</i> você na cidade!” (p.18).	Supor; imaginar.
FICAR NA PEÇA	“Moça que pega a escolher muito acaba <i>ficando na peça</i> ...” (p.131).	Ficar solteira; ficar pra titia.
FORMIGAR	“[...] passageiros alegres, que rodeavam <i>formigando</i> a sua mesa [...]” (p.56).	Ter em abundância.
HÁ DE	“Você não <i>há</i> de querer fazer o negócio no escuro [...]” (p.29). “Sem lume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie não <i>havia</i> de ficar morrendo de fome.” (p.31).	O verbo haver seguido de de mais infinitivo de outro verbo, exprime futuridade promissiva com ideia de 'ter fatalmente de'.
INDA	“ <i>Inda</i> por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato...” (p.15).	Ainda.



	“Me esperancei que <i>inda</i> chovesse depois de São José [...]” (p.28).	
INTEIRIÇAR	“Um momento, e a <i>marrã inteiriçou-se</i> mais [...]” (p.27).	Ficar hirto; ficar tesa, imóvel.
MAÇADA	“Você? Qual! É uma <i>maçada</i> muito grande para quem vive tão ocupado... Só tem tempo para o trabalho [...]” (p.19).	Demora prolongada; importunação; amolação.
MAGOTE	“Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse <i>magote</i> de meninos, é uma morte!” (p.34).	Ajuntamento de pessoas ou de coisas; amontoado, porção.
MARRÃ	“Um momento, e a <i>marrã inteiriçou-se</i> mais [...]” (p.27).	Porca nova que parou de mamar.
MATA-BICHO	“Chico Bento cuspiu com o ardor do <i>mata-bicho</i> .” (p.35).	Uma dose de aguardente ou de outra bebida alcoólica.
MOTAR EM OSSO	“O menino vinha <i>montado em osso</i> , quase na garupa, num galope baixo e sacudido.” (p.34).	Cavalgar no osso.
MUNDÃO DE MEU DEUS	“Onde é que a gente vai viver, por esse <i>mundão de meu Deus</i> ?” (p.32).	Lugar muito distante, amplo.
NÃO SER PARA O BICO	“[...] Que moço branco <i>não é pra bico</i> de cabra que nem nós...” (p.62).	Não ser para o gozo, a fruição de.
OBRA DE	“Eu ainda esperei <i>obra de</i> uma semana.” (p.89).	Pouco mais ou menos de; cerca de.
PEGAR	“Moça que pega a escolher muito acaba <i>ficando na peça</i> ...” (p.131).	Começar.
TOMAR A PEITO	“ <i>Tomei a peito</i> e vou ao fim [...]” (p.101).	Interessar-se vivamente por.

A próxima tabela busca expor palavras as quais cremos ser regionais típicas nordestina, mas que não estão dicionarizadas.

PALAVRA	Trecho retirado da obra (2009)	Possível significado
DE VENDA	“Vou até mandar buscar carrapaticida em Quixadá. O Major atalhou:	À venda.



	– Em Quixadá não tem <i>de venda</i> .” (p. 17).	
GANHAR O MUNDO	“Do que tenho pena é do vaqueiro dela... Pobre Chico Bento, ter de <i>ganhar o mundo</i> num tempo destes com tanta família!” (p.16).	Sair para longe.
MÃO PRA LÁ, MÃO PRA CÁ	“– Boca de ceder! Cedeu, mas foi, <i>mão pra lá, mão pra cá</i> [...]” (p.35)	Pagamento rápido, imediato.
OU QUEBRA, OU BOTA RELÓGIO	“Um dos da roda gracejou: – <i>Ou quebra, ou bota relógio!</i> ” (p.101).	Ou tudo ou nada.
QUANDO DEUS É SERVIDO	“Morre quando chega o dia, ou <i>quando Deus</i> Nosso Senhor é <i>servido</i> de tirar [...]” (p.112).	De acordo com a vontade de Deus.

Na última tabela, elencamos palavras regionais utilizadas tanto no contexto nordestino quanto na região norte do Estado do Paraná (*observações nossas, cidades Londrina e Maringá*)

PALAVRA	Trecho retirado da obra (2009)	Dicionário Ferreira, Aurélio. (2010)
BEIRA	“[...] enxugando os olhos vermelhos na <i>beira</i> dos casacos ou no rebordo das mangas.” (p.24).	Borda, margem, ou proximidade.
BOCADO	“Eu vim aqui para lhe pedir um favor. Soube que a senhora tinha carrapaticida e queria que me cedesse um <i>bocado</i> ; o meu gado anda em tempo de cair. – Quanto você quer? – Coisa assim de litro a mais” (p.19).	Grande porção de coisa, tempo ou distância.
CAÇAR (CACEI)	“Quando de manhã <i>cacei</i> o menino, não teve quem desse notícia.” (p.88). “Sossegue, comadre, já mandei <i>caçar</i> seu filho.” (p.91). “... não tem forças nem de se mexer, de <i>caçar</i> um recurso...” (p.103).	Perseguir; catar; procurar.



CAMBADA	“Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho: – <i>Cambada ladrona!</i> ” (p.35).	Agrupamento de pessoas; súcia; corja.
DAR DE FRENTE	“Quando o rapaz <i>deu de frente</i> com a casa do Logradouro, toda branca, trepada num alto vermelho e nu, viu logo Conceição [...]” (p. 18).	Ver; enxergar.
DE BANDA	“Hein, minha comadre! Botou o luxo <i>de banda...</i> ” (p.43).	Parte lateral; lado.
DE COMER	“Faz dois dias que a gente não bota um <i>de-comer</i> na boca. [...] Os meninos choramingavam, pedindo <i>de comer.</i> ” (p.43).	Coisa de comer; alimento; comida.
DEIXA ESTAR	“Pois <i>deixa estar</i> que no ano que vem eu trago aqui uma porção de moças bonitas...” (p.20).	Deixar as coisas como estão.
PORÇÃO	“Pois deixe estar que no ano que vem eu trago aqui uma <i>porção</i> de moças bonitas para você poder aproveitar as viagens [...]” (p.20).	Grande quantidade de.
PROSA	“[...] Dizedor de <i>prosa</i> como ele só!” (p.62).	Conversa; estória; palestra.
SER GENTE	“[...] não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer ‘ <i>ser gente</i> [...]’” (p.22)	Ter importância ou valimento; ser alguém.
SOCAR	“ <i>Soca</i> um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome!” (p.52)	Enfiar; meter; pôr em, de maneira descuidada e excessiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras/estudos modernistas trouxeram uma inovação à linguagem rebuscada, deste modo, carrega o *status* de libertação da língua. De modo a tornar mais claro a relação entre linguagem, identidade e personagem. Isso fica ainda mais claro quando observamos uma novela ou minisséries, as quais sempre retratam um período



histórico ou mesmo uma região do Brasil, marcado fortemente pelo sotaque e o emprego de alguns vocábulos típicos dos falantes daquela região. Pelo léxico levantado, demonstrou-se que muitas palavras que compõem a variante nordestina podem ser encontradas/utilizadas por falantes da região norte e noroeste paranaense (Londrina e Maringá). Assim, torna-se ilógico a utilização de expressões como: ‘o modo como eles (os nordestinos) falam lá (norte)’. Outro elemento importante dessa pesquisa foi a contribuição referente aos limites de influência de uma variante e os preconceitos possivelmente superados. Esperamos que este trabalho e demais contribuições possam vir a auxiliar futuras pesquisas no âmbito da variação linguística relacionada às aulas de obras literárias.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermerval da (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.
- BRASIL. SEF/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília, 1997.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Nós chegemu na escola e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Jorge Amado**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº3, 1997.
- CÂNDIDO, ANTONIO; & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: modernismo**. Tomo III. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et AL. **Para compreender Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COUTINHO, Afrânio. **A Liteatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970, v.5



-
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3.ed., 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho. **Expressões de fala em O Quinze de Raquel de Queiroz: uma análise léxico-semântica**. In: XV CONGRESSO DA ASSEL-RIO, Rio de Janeiro, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.
- FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho. **Expressões de fala em O Quinze, de Rachel de Queiroz: uma análise Léxico-semântica** / Clécia Maria Nóbrega Marinho Furtado. – João Pessoa, 2008. 104p.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** 6. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. 86.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **A língua de quem ensina a língua**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes da. **Relevância das variáveis linguísticas**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010, p.67-72.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1982.

